

## APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas que se seguem foram realizadas em parceria com a Seção Técnica de Apoio à Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPE) no Estúdio CDeP3 (Coordenadoria de Desenvolvimento Profissional e Práticas Pedagógicas) nos meses de agosto e setembro.

Os convidados, Prof. Dra. Yara Caznók, Prof. titular John Boudler e Prof. Dr. Abel Rocha, foram entrevistados pelos discentes do grupo PET Música, compartilhando suas experiências e vivências sob o prisma da história dos 75 anos do Instituto de Artes.

O tom informal dos encontros é aparente nos textos das transcrições, proporcionando ao leitor uma experiência envolvente e cativante. Os entrevistados nos apresentam diferentes visões sobre a vida no Instituto de Artes, onde cada um traz a sua experiência pessoal e profissional dentro da instituição. As diferentes percepções sobre os mesmos temas trazem um olhar que é, ao mesmo tempo, um retorno ao passado e um guia para o futuro.

O Grupo PET Música agradece aos docentes por sua disponibilidade, pela oportunidade de enriquecer nosso conhecimento sobre nossa instituição, e,

sobretudo, pela possibilidade de trazer esses relatos ao público.

Valerie Ann Albright  
Tutora do grupo PET Música Unesp

## 75 ANOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP COM ABEL ROCHA, JOHN BOUDLER E YARA CAZNÓK

Por Adelmo Henrique (PET Música Unesp)  
Gabriel de Lamos Leão (PET Música Unesp)  
João Mateus de Lima (PET Música Unesp)]  
Matheus Giovani Gava do Prado  
(PET Música Unesp)  
Yasmin de Gois Silva (PET Música Unesp)

### Qual a sua trajetória dentro do Instituto de Artes (IA) e qual a importância do IA na sua carreira?

#### Abel Rocha

*“Eu acho que é a questão de você fazer uma faculdade. Tem vários aspectos que a gente poderia levar em consideração: uma das coisas que eu acho mais importante em qualquer curso superior - principalmente na nossa área de artes - (é) que você não vai para a faculdade para aprender, porque por definição você não sabe e precisa, mas você vai para a faculdade para que a faculdade seja um local de você se colocar em prova. Tem aquele que vai para a escola - “vou fazer a escola”, “vou fazer a lição de casa”, “tenho uma nota que passar” e tem a questão de você fazer a faculdade, tem desafios que a faculdade me coloca para que eu possa olhar para o meu... para esse universo que eu vou ter que entrar, no mercado de trabalho depois e enfrentar esse mercado de trabalho... E essa foi uma das razões talvez de eu ter preferido a Unesp na época do que a USP porque era*

*um conjunto muito maior de professores na UNESP, assim, aquela coisa... Eram muitas disciplinas, parecido com hoje, essa coisa meio conservatório. Então cada dia eram dois professores diferentes, então, numa semana, você convivia com dez professores. Então era muita gente, muito diversificada. Professores que se entendiam muito bem em alguns casos, professores que não se entendiam em outros. E esse convívio, acho que foi a coisa que mais despertou essas diversas vertentes que a universidade pode mostrar - principalmente numa escola de artes onde todo mundo estava envolvido no mercado musical de alguma maneira. Então mostra essa... a gente pode ver muita coisa do que era o lado de fora. Então esse convívio foi, acho, que a parte mais importante da existência de um curso superior de música.”*

## Quais as principais mudanças percebidas por você desde que entrou no IA?

**Abel Rocha**

“Teve transformações, coisas que foram se transformando com o tempo que, eu acho, que elas são naturais, inclusive, de acontecer. Porque você vai evoluindo algumas coisas, elas tem que se adaptar ao momento. Você vai questionando a sua própria maneira de fazer. E elas vão se transformando a cada etapa. Então teve muitas transformações... Desde o prédio que, se eu pensar nesse sentido, é o terceiro prédio do Instituto de Arte. E, como prédio, esse projeto que começou em 97- eu entrei como professor pela primeira vez em 98 - e existia um projeto para a construção do prédio. Então, desde a finalização dos projetos, até a construção - em final de 2008 - eu acho que, assim, a existência do espaço físico, acho que foi uma das coisas mais importantes por que o espaço físico permitiu, inclusive, um conjunto de outras transformações que o espaço físico de Ipiranga não iria permitir de jeito nenhum - tanto pelo espaço

ser pequeno. A gente pode, como eu te falei- meu primeiro ano, era um ano de 40 alunos que juntava todos os cursos de música e de licenciatura. Era só isso que a gente tinha. E, com o tempo, a universidade acabou acolhendo muito mais gente nos seus cursos e tudo mais. Mas isso porque o prédio permitiu. Então acho que uma das coisas mais importantes foi essa ampliação do prédio e, ao mesmo tempo, uma modernização porque, hoje em dia - com certeza - o prédio do Instituto de Artes da Unesp é o melhor prédio das faculdades de música estaduais que a gente tem- não chegando perto da USP e da UNICAMP. A UNICAMP tem seus departamentos de música, tem infraestruturas, mas, um prédio dedicado ao Instituto de Arte com a infraestrutura que a gente tem, que é pequena, a gente já tem que falar que, um dos equívocos da construção planejou ele pequeno. Ele era maior que Ipiranga, mas não planejou uma ampliação consistente, tanto que hoje em dia a gente briga por espaço o tempo todo, apesar de a gente ter vários espaços. Mas acho que o prédio é a coisa mais marcante. As outras coisas foram um pouco decorrentes também da modificação do tempo, acho que por curso de música principalmente

coisa que desde que eu era aluno. Eu fui aluno, fui representante, fui discente no meu departamento, fui representante na congregação, fui presidente do DA... Eu que devolvi o prédio quando a gente fez a integração de posse, fui eu que entreguei e assinei quando a gente fez a ocupação. Então eu tive muitas participações enquanto estudante, muitas, e muitas delas foram por causa do prédio. E uma coisa que eu sempre achava que era muito esquisito, que era só nós que fazíamos isso, era o curso anual. Até pouquíssimo tempo, o curso de música era anual - ainda sobraram umas disciplinas anuais 39 que eu não vejo razão de ser, mas que em 2018 foi. Depois desse período em que eu estive no conselho de curso, que eu fui uma das pessoas que, insistentemente, a gente tinha que modificar, e acho que a gente tem que modificar a todo momento para que o curso reflita o que está acontecendo na sociedade nesse momento.”

## **Durante a sua atuação no IA, quais foram as mudanças propostas por você?**

### **John Boudler**

“É, a grande mudança inicial foi a mudança geográfica do campus em São Bernardo do Campo para o bairro do Ipiranga, mais ou menos 1980, e obviamente o atual campus que estamos ocupando agora na Barra Funda desde 2010. Houve uma amplitude de cursos, no início era apenas a educação artística e bacharelado em piano, composição e regência, hoje temos muitos cursos de bacharelado em música, artes plásticas, cênicas, além da pós-graduação conceituada. Ampliação do corpo docente e principalmente uma moradia, excelentes instalações teatros, biblioteca mais robusta até que nem tem mais espaço físico, tão desfazendo de livros, acho uma pena. A frota, manutenção e um corpo docente dedicado, atualizado e profissional. Grande mudanças nas comissões, coordenação de curso, este que não existia, extensão, sentimento de um verdadeiro unidade universitário dentro da Unesp. Arte era um pouco mais o terceiro mundo da universidade até certo ponto,

um pouquinho ainda mas estamos sempre relutando contra isso. Respeito coletivo com ênfase em oferecer ótima educação para nossos alunos, com saúde e orgulho das nossas conquistas, mas nunca sem a visão de onde precisa melhorar, avançar e propor novas e criativas ações.”

## **Na sua visão qual a importância do IA na pesquisa em música?**

### **Yara Caznók**

“Fundamental! Fundamental! Eu não desprezo de jeito nenhum pesquisa, imagina, inclusive eu, até falei, eu estudo o tempo todo, eu escrevo alguns artigos, eu participo de congressos, a única coisa que assim, eu não tenho esse pique de produzir algum grande evento, isso não, mas eu participo bastante e acho que a pesquisa traz ideias, justamente, e caminhos que ainda não haviam sido pensados, desde que ancoradas, sem dúvida, no nosso caso, né, na sala de aula. Não quer dizer que pesquisadores, vamos dizer, não docentes, não contribuem, imagina, qualquer pesquisa, desde que

muito séria, bem feita e fundamentada, vai reverberar e precisa, trazer resultados e reflexões pra uma prática, seja docente, seja de performance, enfim, qualquer atuação. Mas o que eu acho é assim, o nosso tripé, pesquisa e docência, pesquisa, extensão, na verdade tem uma quarta perninha aqui, que é administração, mas que também é necessário, porque se a gente quer ter autonomia, nós temos que, nós seremos, somos os gestores, não adianta botar na mão de uma outra pessoa essa parte administrativa. Que é muito chata, ela é obrigatória. Então, 40 assim, esse tripé, docência, pesquisa, extensão, eu acho que a docência tem pra mim um peso maior, porque a formação, justamente, dessa, vamos dizer, eu diria, a gente tá formando e estamos nos formando, não quero dizer que, assim, eu estou colocando nos alunos ou no outro a ideia que eu sou capaz de formar alguém, nós estamos nos formando juntos. E uma docência bem séria exige muito tempo de dedicação, muito, muito, muito. Então, a pesquisa vai pra mim estar junto com a docência, vai surgir de questões, muitas vezes para mim, que eu encontrei nas

salas de aula, nas questões que vocês trouxeram e que trazem ainda pra mim, e que ampliaram, justamente, o meu olhar, a minha escuta e me fizeram ir buscar tais e tais temas. Então, por exemplo, eu tenho trabalhado bastante com análise, principalmente. Eu entrei como professora de harmonia e fui professora de harmonia a vida inteira, já era professora de harmonia e aí depois, num determinado momento, me deram aulas de análise e aí eu acabei ficando mais na área de análise.”

### **Nesses 75 anos do IA qual memória você tem a respeito da fundação?**

**John Boudler**

“Então, com o bonde já andando em 78, já que nossa história havia começado há quase 30 anos, 49, havia docentes antigos da era inicial do IA, mais conservadores, ainda um fluxo de renovação com professores como Michel Philippot e as primeiras estantes da nova OSESP trazidas ao Brasil pelo Eleazar de Carvalho, eu incluído como o último dessa safra e ainda o único que ficou

dedicado ao instituto por durante 37 anos, após quase 10 anos atrás. A dinâmica do IA era nos seus inícios junto a Unesp recém formada universidade, reunindo campos de várias cidades do Estado e a localização do nosso campus em São Bernardo do Campo não ajudava muito com o deslocamento da maioria vindo da capital. Mas havia uma união de desejos para uma unidade universitária com qualidade, o elenco dos docentes era bem mais reduzido, mas mesmo assim nas suas áreas de atuação havia muita seriedade e compromisso.”

### **Como você observou a mudança do perfil dos alunos do IA durante a sua trajetória?**

**Yara Caznók**

“Olha, eu destaco com alegria a observação de um amadurecimento, como eu disse, não só social, mas de pessoa como pessoa, pessoas que reivindicam. Então, para mim, o aluno hoje tem muito mais voz. Eu fui educada naquela situação que o Paulo Freire chama de bancária. Você recebe o conteúdo, se você tiver

dúvidas, você marca uma hora ou você tem um jeito específico de perguntar, mas a pergunta era sempre assim, eu não sei. O professor vai me responder o que eu não sei. E eu acho que a transformação nessa mentalidade é de um diálogo entre professores e alunos mais equilibrado. O aluno sabe, sabe muito. O que o professor tem a mais são anos de vida e o que a gente espera com isso é que tenha mais experiência, porque tem gente com muitos anos de vida que não tem experiência nenhuma, mas enfim, a gente espera que apenas as pessoas sejam mais experientes como docentes. Mas as questões mais 41 importantes que tem são os alunos. E vocês agora, vocês têm mais segurança, vocês têm uma outra maneira de encarar esse relacionamento. E de uma forma muito construtiva. Então, as perguntas todas que a gente recebe, ou os comentários, ou as discordâncias, são o material para que um professor pense. E aí penso assim, como ele ouviu isso, ou que caminhos ele percorreu para chegar a essa questão, ou a essa discordância, ou a essa situação que ele está colocando aqui para mim. Quando os alunos eram mais mudos, a sala de aula mais silenciosa, isso não acontecia.”

---

**Para ouvir as entrevistas na  
íntegra acesse nosso canal  
do YouTube e nosso blog para  
mais informações**

<https://petmusica.wordpress.com/>

<https://www.youtube.com/@petmusica>